

Apresentação

Neste número, a revista traz uma combinação de artigos que transitam marcadamente entre a sociologia, antropologia e filosofia. Ele expressa o significado que o tema do simbólico assumiu como condição de interpretação do contemporâneo seja ele nomeado como globalização, pós-modernidade, mundialização, pós-nacional, etc. Ganhou espaço tanto reflexões quanto investigações sobre processos de modelação de diferentes tipos de camadas expressivas que têm se engendrado mutuamente e constituído percepções cotidianas. Reflexões e investigações expressas através de diferentes objetos como políticas públicas, fotografia, pensamento de intelectuais, concepções econômicas.

O artigo de Froehlich traz resultados de investigações a partir de um tipo de problematização que expressa a consolidação da ultrapassagem de algumas barreiras disciplinares na abordagem de fenômenos anteriormente vistos como estritamente culturais ou reservadamente econômicos. Valendo-se prioritariamente de abordagens antropológicas, a pesquisadora pretende averiguar as formas de manipulação que usos do conceito de cultura tem assumido no plano de uma política pública, o plano nacional de cultura (PNC) e, dessa forma, perscruta alguns efeitos sob as lógicas econômicas, buscando elos entre expressões de pertencimento, lutas político-estatais e mercados monetizados.

Ramos traz argumentos, oriundos de investigações que fazem muitas interfaces com o artigo anterior. Podemos dizer, talvez, que também se preocupa com as condições sociais de modelações expressivas que estão no fundamento de alguns parâmetros de padronização de sentidos de pertencimento, implicados na alta reputação assumida pela concepção de “patrimônio cultural” como linguagem de dignificação de símbolos e crenças humanas. No caso específico, apresenta algumas interfaces entre as políticas de patrimonialização da prefeitura de Belo Horizonte e práticas lúdico-religiosas e lúdico-artísticas populares como o congado e os candomblés.

Já no artigo de Dourado destacamos o problema levantado por ele sobre a relação entre a formulação de saberes e o engendramento de estratégias de ações. De modo específico, ele traz uma análise sobre a formulação, simultaneamente conceitual e prática, de disposições orientadas pela concepção de economia solidária, valendo-se, para isso, entre outras, de técnicas etnográficas. Ganha relevância o debate sobre como se estruturam as condições para a legitimação de valores, desenhando-se os termos de validade de uma concepção como a de “economia solidária”, forjada como saber e estratégia de ação, atravessadas por diferentes campos de conhecimento e normativos.

Peters, por sua vez, traz-nos uma vereda para o pensamento social brasileiro, frequentando a biografia e os dilemas político-culturais, expressos na

produção intelectual de Joaquim Nabuco. O problema gravita em torno da compreensão de uma trajetória singular de um intelectual, mediada por sua obra e pelos relatos biográficos, como um portal para o entendimento de processos mais amplos ligados à história brasileira do século XIX. Um dos desafios metodológicos do artigo está direcionado para a extração de conexões entre a auto expressão do intelectual, a partir de sua obra “Minha Formação”, e a verificação de existência de um padrão social de mentalidade de época, indicada pelos valores publicitados na instituição católica e na monarquia. Como um sintoma de alguma das direções das ciências sociais brasileiras contemporâneas, o artigo de Peters expressa o crescente interesse em encontrar relações entre “fenomenologias do psiquismo” e estruturas sociais de ideação.

O artigo de Argôlo dá prosseguimento ao interesse na investigação da expressão de intelectuais como um acesso a outras dimensões do social. Entretanto, a autora direciona sua perspectiva para a obra literária de Nelson Rodrigues na tentativa de obter mais conhecimento sobre o campo literário mais amplo no qual o dramaturgo brasileiro estava entrelaçado. De modo específico, enfoca os constrangimentos exercidos pelo público expressos nas necessidades de o autor se direcionar a “ele”, com seus ideais estéticos, mostrando dimensões das lutas humanas que estavam se dando através dos jornais. Uma das facetas dessas emulações se refere exatamente as pressões para diversificar os limites de expressão sobre as “mazelas” humanas e os prazeres vinculados ao universo erótico-sexual. A autora traz a tona dimensões das lutas sobre regimes abrangetes de moralidade que os jornais podiam expressar e, simultaneamente, se tornar um polo gravitacional de orientação mútua, seja em direção de reforços ou de combate, em relação aos personagens e histórias de Nelson Rodrigues.

Já Lythgoe oferece-nos uma reflexão sobre a aplicabilidade de alguma discussões filosóficas a dilemas concretos da vida contemporânea. Dedicar-se a refletir o fenômeno da globalização, considerando, para isso, o problema da maior integração entre grupos humanos, das ligações e enfrentamentos entre suas memórias e as decorrentes tensões advindas desse fenômeno. Uma das questões que o autor recorta no debate filosófico que o interessa é o encontro e o confronto entre diferentes tradições expressivas implicadas no aumento dos contatos e dependências humanas e a proposta de estímulo às identidades narrativas como formas de lidar a intensificação dos fluxos expressivos. Assim, o autor traça um breve panorama da tradição hermenêutica, apresentando Ricoeur como um de seus epígonos, finalizando com a discussão sobre os estreitamentos entre história intelectual e história social.

O artigo de Oliveira e Farias mantém ligações com o artigo anterior na medida em que a discussão se centra sobre a compreensão oriunda de tradições filosóficas, mas particularmente no problema da memória. De outra forma, os autores dedicam-se a expressar algumas discussões sobre a memória em Hume,

Bergson e Deleuze, visando relacionar dimensões dessa competência vinculadas a tradições de simbolizações fotográficas. Um dos debates que se destacam é a busca por compreensão entre os fluxos de símbolos no qual as atividades fotográficas contribuem para compor a sua objetificação e, simultaneamente, como a expressão fotográfica no fluxo demarca fronteiras simbólicas que engendram percepções do tempo, como presente, passado e futuro.

Como acreditamos ter dado para apreender, a revista *Latitude* está interessada em contribuições das Humanidades que tragam renovadas investigações e reflexões “científicas”, mas também está interessada nas formas de discussão das linguagens que estão acessíveis a nós como forma de discutir formas mais interessantes e convincentes de como expressar a compreensão que temos sobre nossas relações, dilemas e condições humanas de nosso tempo. Esperamos que possam se servir das contribuições deste número.

Fernando Rodrigues
(editor)